GARRAFA VAZIA

MARI WOLF

MOMENTUMSAGA.COM

QUEM É MARI WOLF?

Mari Wolf nasceu em Laguna Beach, Califórnia, em 27 de agosto de 1927. Teve uma produção literária pequena, mas significativa, nos anos 50, tendo sido uma das mais conhecidas escritoras de ficção científica de seu tempo. Influenciou leitores e fãs, sendo uma ativa participante de fanzines e convenções de FC, especialmente na costa oeste dos Estados Unidos. Mari escreveu para a revista *Imagination*, na coluna *Fandora Box,* de abril de 1951 a abril de 1956 e também para a revista *If Worlds of Science Fiction*.

Em *Fandora Box*, Mari escrevia sobre ficção científica e sobre o fandom de ficção científica, fazendo resenhas de fanzines, entrevistando autores, classificando obras. Interessada em Matemática e ciência espacial e de foguetes, ela cursou a UCLA - Universidade da Califórnia em Los Angeles - para estudar Matemática.

Desde os 5 anos querendo ser escritora e com interesses em ciência, Mari escreveu vários contos de ficção científica, a maioria deles publicado na revista *If*, lançada em março de 1952, como *Robots of the World, Arise!* (Robôs do Mundo, Ergam-se!).

Em fevereiro de 1954, em sua coluna na *Imagination*, Mari contou que pertencia à Sociedade de Foguetes do Pacífico e que passara bons momentos no deserto Mojave fazendo viagens de campo e testes de foguetes amadores. Às vezes eles subiam, às vezes não, às vezes até mesmo explodiam., dizia ela Mari imaginou mundos onde robôs faziam o trabalho braçal e doméstico, invasões alienígenas, evolução humana e origem da vida. Alguns em tom de humor, outros mais críticos e filosóficos.

Pouco sabemos sobre Mari Wolf depois disso. Ela escreveu um livro de mistério, publicado em 1961, chamado *The Golden Frame*. Foi casada com o também escritor Rog Phillips, indicado ao Prêmio Hugo,

em 1959, na categoria de melhor noveleta. Foi ele quem a introduziu ao universo da ficção científica, segundo sua biografia na *Imagination*, em 1952. E depois nada mais aparece.

Uma coleção com seus contos foi lançada pela Resurrected Press, chamada *Mari Wolf Resurrected: The Complete Short Stories of Mari Wolf.*

Muitas mulheres escreviam ficção científica nas primeiras décadas do século XX, especialmente depois do término da Segunda Guerra Mundial, quando começaram os testes com foguetes e os primórdios da ciência espacial. Mas depois de 1960, a maioria delas desaparece dos registros de revistas, fanzines, livros, tornando praticamente impossível uma pesquisa maior sobre elas. O que aconteceu? Casamento, filhos, empecilhos para publicar? Não consegui mais dados sobre Mari, cujos contos estão em domínio público pelo Projeto Gutemberg.

Garrafa Vazia foi publicado, originalmente, na revista *If Worlds of Science Fiction*, de Setembro de 1952. É à Mari Wolf que é creditado o termo *droid*, que hoje é propriedade da Lucasfilm devido à franquia Star Wars.

Sybylla

Eles queriam voltar para casa – para o planeta que conheciam. Mas até mesmo as estrelas mudaram. Estaria o destino de toda a criação dependendo de uma -

Garrafa Vazia

Hugh McCann tirou a última das placas fotográficas do programador e as pôs sobre a mesa ao lado das outras. Em seguida, pegou as velhas cartas estrelares – Volume 1, Número 1 - mapas de espaço a partir de vários sistemas planetários dentro de um raio de cem anos-luz do Sol. Olhou ao redor da sala de observação para os outros:

– Melhor começarmos a verificação.

Os homens e mulheres ali concordaram. Ninguém disse qualquer coisa. Até mesmo a conversa abafada, vinda do corredor além da sala de observação, parou para que pudessem ouvir.

McCann ajustou as cartas e abriu a primeira folha – um mapa estelar composto do ponto de vista da Terra.

– Não fique muito desapontado se estivermos errados – disse.

Amos Carhill cerrou os punhos e inclinou-se sobre a mesa.

– Você ainda não acredita que não estamos perto do Sol, não é? Você está ficando senil, Hugh! Você entende a matemática de nossa posição tão bem quanto qualquer um aqui.

– Eu conheço a matemática – Hugh disse calmamente – Mas lembre-se, muitos de nossos conceitos básicos já se provaram falsos nesta viagem. Não podemos ter certeza de nada. Além disso, acho que me lembraria do planeta em que estamos se já tivéssemos estado aqui antes. Nós visitamos cada sistema planetário em cem anos-luz do Sol em nosso primeiro ano.

Cahill deu risada.

– E o que há para se lembrar desse pedaço de rocha? Pequeno, com ar rarefeito, sem montanhas – o pedacinho de nada mais monótono em que pisamos em anos.

Hugh deu de ombros e voltou-se para a cara seguinte. Os outros se agruparam ao seu redor, verificando e comparando o gráfico com as placas fotográficas de sua posição, não identificando nada de familiar no padrão estelar.

– Ainda acho que lembraríamos deste planeta – disse – justamente por ser tão monótono. Além do mais, o que temos procurado por todos esses anos? Vida. Outros mundos com formas de vida, outros tipos de evolução, tipos adaptados aos mais diferentes ambientes. Esse planeta em particular

tem menos capacidade de suportar vida do que a nossa Lua.

Martha Carhill tirou os olhos das cartas. Seu rosto estava tão tenso quanto o do marido.

– Temos que estar perto da Terra. Temos que estar. Precisamos achar gente – sua voz fraquejou – Procuramos por tanto...

Hugh suspirou, sentindo uma preocupação crescer nele desde que deixaram o limiar da galáxia e deram a volta com a nave a caminho de casa tornando-se agora um medo persistente. Não sabia o que temia. Ele também esperava que estivessem perto da Terra. E quase acreditou que chegaria cedo em casa. Mas os outros, suas reações… Ele sacudiu a cabeça.

Os outros não esperavam mais. Com os outros, especialmente os mais velhos, havia uma fé cega, irracional, uma fé fanática de que sua jornada estava quase chegando ao fim e logo estariam na Terra novamente, retomando suas vidas de onde as deixaram 53 anos antes.

– Veja – Amos Carhill disse – Aqui estão nossos pontos de referência. Aqui está a galáxia de Andrômeda, a nebulosa escura e o arco de nossa Via Láctea – apontou os locais e os nomeou nas placas – Agora podemos verificar algumas dessas estrelas de referência de grande magnitude com as cartas.

Hugh deixou que ele levasse as cartas e foi com ele, verificando e rejeitando. Carhill provavelmente estava certo. Ele encontraria o Sol logo, logo.

Vinha sendo uma missão muito longa para uma nave com tanta gente, especialmente uma missão sem esperanças como aquela. Por 53 anos, eles vasculharam a galáxia em busca de outros mundos com formas de vida. Verificando evoluções divergentes – como tinham chamado – incontáveis estrelas sem planetas, agora ignoradas. Centenas de sistemas planetários explorados, ou apenas observados e rejeitados. Planetas densos, frios, de atmosferas com metano e pedaços de rocha inertes, sem atmosfera, do tamanho da Terra; parecidos com a Terra, com oceanos e oxigênio. Mas sem vida. Não havia vida em lugar algum.

Esse foi um dos princípios básicos que todos tinham perdido, anos atrás: a crença de que a vida poderia surgir em qualquer planeta capaz de suportá-la.

– Poderíamos fazer uma análise espectrográfica de algumas destas estre-

las de alta magnitude – disse Carhill.
Ele, então, abruptamente se ergueu, olhos brilhando, a mão sobre a última carta.
- Não precisamos fazer, veja! Aqui é Sirius e seus planetas. Isso significa que Alfa Centauro deve estar…
Passando a mão sobre a placa onde a magnitude da primeira estrela estava fotografada, disse:
– Só pode ser. Alfa Centauro, só pode ser!
– Exceto que está 5 graus fora de posição – Hugh olhou a placa, então a carta e voltou para a placa, sabendo qual era o medo subconsciente que sentia o tempo inteiro – Você tem razão, Amos, é Alfa Centauro, cerca de 20 anos-luz de distância. E Sirius, e Arcturus e Betelgeuse e todas as outras – apontou uma por uma em suas estranhas posições nas placas – Mas elas estão fora de posição em comparação umas com as outras.

***

Estáticos, os outros o encaravam, sem nada dizer. Aos poucos, aquela pequena fé insistente saiu de seus olhos.
– E o que isso quer dizer? – Martha perguntou num murmúrio.
– Quer dizer que descartamos o básico – Hugh disse – Relatividade. A teoria que diz que o nosso tempo, aqui na nave, é diferente do tempo fora dela.
– Não – Amos disse lentamente – Não, isso está errado. Tudo isso aqui. Não fomos para o futuro. Não é possível que mais tempo tenha se passado fora da nave do que...
– E por que não? – Hugh suspirou – Por que não milhões de anos? Nós ultrapassamos a velocidade da luz várias vezes.
– O que contraria a teoria do espaço-tempo em si! – Carhill berrou.
– É mesmo? – Hugh o encarou – Ou apenas significa que nós nunca realmente entendemos o espaço-tempo em si?
Hugh não esperou pela resposta. Ele apontou para uma pequena estrela brilhante, bem além de Alfa Centauro nas placas.
– Este provavelmente é o Sol. Se for, vamos descobrir a verdade em breve.

Ele esperou pelas reações, enquanto olhava no rosto de cada um, tentando ver se eles temiam a verdade.

A nave pulsava suavemente nas típicas vibrações do motor de baixa velocidade. Nas telas frontais, a estrela se tornava cada vez maior. E as pessoas evitavam olhar para ela. Moviam-se pelos corredores, como normalmente faziam, mas em silêncio. Parecia que tentavam ignorar a estrela.

– Você não tem certeza, Hugh – Nora McCann pousou a mão no braço do marido.

– Claro, posso não ter mesmo.

A porta de seus alojamentos estava aberta. Várias pessoas passavam, jovens que nasceram na nave, conversando e rindo.

– Seria tão difícil para os mais jovens? Eles nunca viram a Terra. Estão acostumados a encontrar apenas mundos sem vida por aí.

Um dos rapazes parou no corredor e apontou para a tela onde a estrela era mostrada e depois deu de ombros. Todos os outros se viraram, sem nada dizer e, um minuto depois, o rapaz também se foi.

– Aí está sua resposta – Hugh disse com desprezo – A Terra é um símbolo. É nosso lar. É o lugar onde existem milhões de seres humanos. Às vezes, penso que a única coisa que nos manteve sãos durante esse tempo todo foi saber que existia, em algum lugar, um mundo cheio de gente, que não estávamos sozinhos.

Nora apertou sua mão, enquanto os dois olhavam para a tela, com aquela estrela se tornando maior. Estava bem mais definida, um grande círculo de luz amarela. Uma estrela tipo G, como milhares de outras que eles se avistaram, orbitaram e deixaram para trás. Uma estrela amarela que poderia estar em qualquer lugar da galáxia.

– Hugh, você acredita mesmo que milhares de anos se passaram lá fora?

– Não sei no que acreditar. Apenas sei o que as placas mostram.

– Pode nem mesmo ser Sol ali adiante – disse ela, em dúvida – Podemos estar em alguma outra parte do espaço, por isso as cartas são diferentes.

– Talvez. De qualquer forma, estamos perdidos. Perdidos no espaço, no tempo, ou em ambos. De que isso importa?

– Se estamos apenas perdidos no espaço, isso não é irreversível. Podemos achar nosso caminho para casa, talvez.

Ele não respondeu. Continuou observando a tela com seu círculo de luz, contraindo os lábios. Fosse qual fosse a verdade, eles não teriam que esperar por muito tempo. Estariam em alcance gravitacional em menos de uma hora.

Imaginando porque reagia de maneira tão diferente dos outros, sua conclusão era de que estava com tanto medo quanto os companheiros. Sabia disso. Mas não brigava com o pensamento de que talvez estivessem deslocados de seu próprio tempo. No que ele poderia diferir de outros dos mais velhos, como Carhill, que se recusava a encarar a possibilidade, insistindo na ilusão, mesmo quando confrontado pelas placas fotográficas?

***

Hugh não se achava um pessimista. E ainda assim, apenas três anos depois do início da missão, após 50 planetas parecidos com a Terra, mas sem vida, ele começou a considerar a possibilidade de que a vida era exclusiva da Terra e que as velhas teorias sobre o surgimento espontâneo de vida em um ambiente favorável estavam erradas.

Apenas Nora concordava com ele. Apenas Nora enfrentava essa possibilidade agora, ao seu lado. Os dois tinham pensamentos muito parecidos, eram ambos pragmáticos.

Porém, desta vez, eles não teriam longos anos em que os outros poderiam, lentamente, mudar de opinião, renunciando aos poucos às suas velhas crenças e abraçando novas. O sol amarelo já estava muito grande na tela.

– Hugh!

Olhando para a porta, viu Amos parado, apoiando-se na parede do corredor, seu rosto totalmente pálido.

– Venha comigo até a sala de controle – disse ele – Vamos desacelerar a qualquer minuto.

Hugh concordou. Preferia ficar ali, olhando a aproximação pela tela, com Nora ao seu lado. Mas tinha obrigações na sala de controle. Estava velho demais para participar ativamente da manutenção da nave, Amos também. Mas estariam ali, os velhos, olhando pelas poderosas telas o primeiro vislumbre do terceiro planeta a partir do sol.

– Tudo bem, Amos – levantou-se e foi até a porta.

– Vou esperar você aqui – disse Nora.

Sorrindo, Hugh seguiu Amos pelo corredor. Ninguém falou com os dois, a maioria das pessoas passava por eles em silêncio e não prestavam atenção a qualquer outra coisa, exceto às telas do corredor, algo que não podiam mais ignorar. Os poucos que falavam algo, comentavam sobre a Terra e a maravilha de poder voltar para casa.

– Você está errado – disse Amos subitamente.

– Espero mesmo estar.

A aglomeração se espremeu para deixá-los passar. As únicas pessoas que viram no caminho foram alguns jovens em serviço. Exceto pelo grupo dos velhos, vários rostos ansiosos aguardavam pelo desembarque para começarem seus procedimentos de rotina. Estremecendo alguns segundos em desaceleração, houve um instante de vertigem que logo passou, enquanto a gravidade da nave voltava ao normal. Hugh não se abalou com a mudança.

Na sala de controle, Amos e Hugh assumiram seus lugares ao redor dos que já observavam à tela frontal. Ignorando todos eles, o piloto trabalhava nos controles, enquanto a tela clareava com a desaceleração da nave. O piloto nem prestava atenção, ele era jovem, nunca vira a Terra antes.

– Veja! – Amos berrou triunfante.

A tela ficou nítida, oscilando para longe da estrela e entre as órbitas. Pontos que eram planetas saíam e entravam em foco. Hugh não se deu ao trabalho de contá-los nem de calcular sua distância da estrela. Conhecia bem demais o novo sistema e não tinha como não reconhecê-lo

A estrela era o Sol. O terceiro planeta era o ponto duplo, Terra e Lua. Hugh percebeu, subitamente, que meio que esperava ver uma órbita vazia.

– É a Terra, sim! Estamos em casa! – disse Amos.

Todo mundo olhava, diretamente, para os pontos bem nítidos na tela. Hugh olhou além, para as estrelas ao fundo, que desenhavam um padrão não familiar por todo o horizonte. Hugh suspirou.

– Olhem além do sistema e das órbitas.

Eles olharam. E por um longo período encararam a tela, em silêncio, e então se voltaram para Hugh, alguns até com olhares acusadores, como

se ele fosse o responsável por rearranjar as estrelas.

– Por quanto tempo estivemos fora? – disse um trêmulo Amos.

Hugh sacudiu a cabeça, nada disse. O padrão das estrelas era pouco familiar até mesmo para fazer uma extrapolação. Ainda não havia meios de saber o quão longo aqueles 53 anos foram.

***

Amos parecia não acreditar e se voltou para a tela, fixamente olhando para aqueles dois pontos, da Terra e da Lua.

– Não podemos ser os únicos que restaram.

Ninguém respondeu, estavam todos ainda atônitos. Não conseguiam aceitar as estranhas constelações que viam. Fim da viagem. Cinquenta e três anos procurando mundos com vida e agora a Terra, sob um céu não familiar e, possivelmente, sem vida, exceto na nave que agora retornava.

– Devemos pousar – disse Hugh.

A nave fez uma longa curva na atmosfera, saindo do lado noturno do planeta, para o lado diurno. Estavam próximos o suficiente para verem as feições do planeta, mesmo com as volumosas nuvens que pairavam sobre os oceanos. Muito embora as formas continentais e massas de terra fossem bem delimitadas, elas eram irreconhecíveis, tais como as constelações.

– Ali deve ser a América do Norte – disse Amos – Parece menor do que o continente que vimos no lado que está de noite...

– Deve ser qualquer coisa – Hugh falou – Não temos como saber. Os oceanos parecem maiores também, há menos massas de terra – disse, enquanto observava a topografia quilômetros abaixo.

As montanhas ascendiam de maneira escarpada, com falhas e feições irregulares. Existiam grandes planícies e ravinas, tudo era rochoso e sem vida para onde se olhasse. Sem solo, nem erosão, exceto pelo vento e pela chuva.

– Sem clorofila no espectro – disse Haines – Não há nem mesmo vida vegetal.

– Não entendo – disse Martha, esposa de Amos, olhando para a tela – Tudo está diferente, mas a Lua parece estar como sempre esteve.

– Porque ela não tem atmosfera – respondeu Hugh – então não há erosão. E não tem oceanos varrendo a superfície. Mas imagino que se nós a explorarmos, encontraremos mudanças, novas crateras, quem sabe montanhas agora.

– Quanto tempo se passou? – Amos murmurou – E mesmo que tenham se passado milhões de anos, o que aconteceu? Por que não tem vida vegetal? Não vamos encontrar nada?

– Uma guerra atômica? – sugeriu o piloto.

– Talvez – Amos pensou nisso também, talvez todos tenham pensado – Ou a estrela entrou em nova.

Ninguém respondeu. Conceber uma nova e a matança que ela causaria era demais, até porque o Sol estava do mesmo jeito de quanto partiram.

– O Sol parece mais quente – Amos adicionou.

A nave desceu mais, após sua volta preliminar pelo planeta estar completa, posicionando-se para o pouso como fez centenas de vezes antes. O planeta abaixo deles poderia ser qualquer um dentre as centenas de outros que visitaram. Descendo rapidamente, perfuraram a atmosfera, apontando para a superfície. A topografia surgiu entre as nuvens, as características gerais turvas, os detalhes se destacando acentuadamente, aumentando em nitidez como se os vales e montanhas abaixo fossem pequenos cristais microscópicos sob uma lente que os ampliasse rapidamente.

Sem dificuldade alguma, o piloto escolheu um campo de pouso, como de praxe, um local plano, próximo ao oceano. O tipo de lugar onde poderiam conduzir todo o tipo de análises, receber os resultados e arquivar em uma pasta para mais um planeta, com um número, na grande enciclopédia que vinham montando. Até para Hugh havia um ar irreal nesse pouso, como se o planeta não fosse a Terra, apesar de orbitar o Sol, apesar da Lua, tão familiar. Parecia um planeta como qualquer outro.

A nave sacudiu, estremeceu um pouco durante o pouso e então parou por completo sobre a planície de cascalhos que, evidentemente, fizeram parte do leito oceânico. O oceano em si estava a poucas centenas de metros dali.

Hugh olhou para a tela, transformada agora em uma imagem ao vivo, observando as ondas contra o litoral e aquela sensação de algo irreal se aprofundou. Apesar de ser algo que esperava, era algo que ainda não conseguia aceitar.

– Devemos descer e olhar por aí – disse.

– Pressão atmosférica, padrão da Terra – Haines checava os dados atmosféricos no painel – Composição: oxigênio, nitrogênio, vapor d'água...

– Não há nada lá fora que possa nos prejudicar. O que poderia haver? – Martha rebateu.

– Busque por radioatividade – pediu Hugh.

Martha o encarou. Sua boca abriu e fechou novamente, sem nada dizer.

– Nada – Haines falou – Não há radioatividade. Tudo limpo, não precisamos de trajes especiais.

E ele pressionou o botão para abrir as comportas externas.

***

Amos olhou para ele e, em seguida, ligou o comunicador; os ruídos do restante da nave inundaram a sala de controle. Em todos os lugares, as pessoas falavam. Trechos de conversa captados, apanhados no fundo do vozerio, como vários oficiais de serviço, informando que estavam prontos para descer. A maioria das vozes eram jovens, falavam alto e alegremente sobre o que os aguardava do lado de fora da nave.

Hugh suspirou, tão consciente de todas as pessoas, como se estivesse pelos corredores com eles. Aqueles nascidos no espaço eram os que mais falavam. As crianças, os jovens, as pessoas já não tão jovens, mas, ainda assim, nascidas desde que a viagem começara, pensavam sobre a Terra mais como uma lenda maravilhosa do que como seu próprio lugar de origem.

Os velhos, aqueles que deixaram a Terra ainda jovens, não tinham o que dizer. Eles sabiam o que não havia lá fora. Os jovens não tinham como saber. Mesmo o melhor dos livros, das figuras e dos filmes em 3D davam apenas uma ideia superficial de como esse mundo era.

– Hugh – Amos tocou seu braço.

– Sim?

– Tem que haver gente, em algum lugar. Tem que ter. Nossa raça não pode ter morrido.

Hugh olhou para além dele, para o céu e para as nuvens que se avolumavam rumo às estrelas. As estrelas, claro, estavam totalmente ocultas pela

luz do dia.

– Se há alguém por aí, Amos, pode ter certeza que eles não estão na Terra.

– Eles podem ter saído daqui, ido para qualquer outro lugar.

– Não! – Martha berrou, a tensão em seu rosto – Não tem ninguém, não pode ter. Muito tempo se passou! Você viu as estrelas, Amos, as estrelas, todas erradas, cada uma delas!

Cobrindo o rosto com as mãos, Martha começou a chorar e Amos abriu os braços, envolvendo-a. Hugh os observou por um instante e então deu as costas para acompanhar os mais jovens. Hugh não sabia bem o que pensar. Desejava que nunca tivessem voltado para a Terra, pois assim eles poderiam continuar a viagem, girando em torno do núcleo da galáxia para sempre.

Pisava na Terra, pela primeira vez desde a sua juventude e ela não era mais a mesma. Tinha rocha nua sob seus pés e rocha nua ao seu redor, cascalho e pedriscos, além de uma areia fina. Mas não havia poeira, nem solo. Nenhum traço orgânico ou de algo que tenha tido origem orgânica.

Hugh já andou por diversos mundos assim. Muitos mundos cinzentos, de oceanos cinzentos, com nuvens se avolumando no ar quente. Muitos mundos onde havia vento, som e marés; onde deveria ter vida, mas não tinha.

Esse era mais um desses mundos. Não era a Terra. Era uma Terra esquecida que ele amou e conheceu. Por 53 anos, eles se agarraram ao pensamento: as pessoas esperando para recepcioná-los na volta para casa. Cinquenta e três anos e por quantos anos contados na nave a Terra permaneceu sem vida dessa forma?

Olhando para o céu e para todas aquelas estrelas que não podia ver, Hugh as amaldiçoou e amaldiçoou o tempo em si e com amargura, amaldiçoou sua própria estupidez.

As pessoas desceram da nave e andaram por aquela planície de cascalhos, algumas sozinhas, outras em pequenos grupos. Todos estavam mudos. Pareciam atordoados demais até mesmo para pensar. Choque, ele pensou. Primeiro a histeria, depois a descrença, agora o choque. Qualquer coisa poderia vir a seguir.

***

De pé, com o vento morno batendo no rosto, Hugh olhava as pessoas. Com amargor, estava espantado com as reações. Alguns andavam sem rumo, mas a maioria, vindos de vários departamentos, logo começaram com sua rotina de análises das condições planetárias. Pareciam trabalhar mecanicamente, pela força do hábito, suas faces indiferentes.

Estavam condicionados, pensou Hugh. Começavam seus relatórios, que estariam perfeitos, mesmo que ninguém os lesse. Ele andou até onde vários dos jovens estavam enviando um balão atmosférico para anotar os constituintes atmosféricos registrados pelos instrumentos.

– E então? – perguntou.

– Padrão da Terra. Naturalmente – o jovem tímido respondeu – Mas a temperatura é alta, 34°C e 77% de umidade no ar.

Hugh os deixou para trás e atravessou por entre as rochas até o oceano. Duas moças estavam ali, coletando água, conduzindo análises químicas e biológicas.

– Olá, senhor McCann – disse a mais alta – Quer nosso relatório?

– Achou alguma coisa? – perguntou sabendo que não teria algo para achar, pois os instrumentos da nave já teriam encontrado.

– Não. Temperatura da água é 30°C. Cloreto de sódio é quase duas vezes menor do que da Terra – ela parecia surpresa – Por que tão baixo?

– Mais água nos oceanos, talvez. Ou talvez nós tivemos uma nova desde que chegamos.

Estava ficando tarde, era quase a hora do pôr do sol. Logo eles poderiam fazer novas placas fotográficas para calcular as estrelas. Hugh riu de si mesmo amargamente. Ele também estava condicionado. Era força do hábito e claro, por que não? Talvez pudessem estimar, de alguma forma, quantos milhões de anos teriam se passado.

Para quê? Que bem isso faria se descobrissem?

O pôr do sol veio e em seguida a lua cheia subiu no céu, nebulosa e indistinta por trás das nuvens de vapor d'água. Hugh ficou ali parado, observando, enquanto ela subia, clareando o horizonte, uma forma grande e inchada. Sacudindo a cabeça para clarear a mente, se pôs a trabalhar. As nuvens eram espessas. Hugh precisou ajustar o rastreador até o último nível para atravessar as nuvens e assim captar as inabaláveis e brilhantes

estrelas para a placa fotográfica. Inserindo a primeira, ele captou a imagem das estrelas cujos nomes sabia, mas com os padrões errados, alguns sutilmente, outros descaradamente.

Tinha algo que ele não estava vendo. Algum fator que não estava levando em conta. Hugh desenvolveu as primeiras placas e as comparou com as cartas feitas na Terra antes de partirem e sacudiu a cabeça, confuso. Fosse qual fosse o fator, lhe escapava. Melhor voltar ao trabalho.

– Ah, aí está você.

Hugh se assustou com a voz de Amos. Esteve trabalhando por pura força do hábito, lentamente movendo o telescópio através dos céus e captando as imagens para as placas e tentando pensar.

– Por que está perdendo tempo com isso? Quem é que vai ver esses registros agora?

Atrás de Amos, os velhos concordaram. Hugh ficou surpreso de ver que eles voltaram para a nave e não conseguiu ouvi-los. Claro que eles voltaram, pensou. Era a checagem de rotina, onde todos voltaram para compilar seus relatórios. Olhou para os rostos ao seu redor, imaginando se ele estava tão abatido, entorpecido e confuso como eles pareciam. Provavelmente estava.

– E o que sugere?

– Só estou dizendo que isso é inútil – disse Amos – Você conduzindo essas análises. E o que encontrou? Não tem fósseis, não tem nem mesmo uma forma de vida unicelular no oceano. Nenhuma forma de nos dizer quantos milhões de anos se passaram.

– Talvez não tenha se passado tanto assim – Haines falou – Talvez o que aconteceu aqui tenha sido bem recente e as pessoas foram para outro sistema solar, como os planetas em Centauro, por exemplo.

Amos riu amargamente e disse:

– Pode dizer isso em face às evidências que temos? Sabemos que milhões de anos se passaram. Tudo está diferente. Mesmo as ondas estão três vezes maiores do que antes. É óbvio que alguma coisa aconteceu. O Sol entrou em nova. E resfriou. Acha mesmo que nossa espécie duraria tanto assim, mesmo em um sistema próximo?

***

Amos olhou irritado para todos os outros, jogando a cabeça para trás e, repentinamente, rindo, a risada ecoando pelas paredes metálicas da nave.

– Digo que devemos morrer agora! – berrou – Não há por que continuar. Hugh estava certo, como sempre. Não devíamos ter tentado voltar para casa! Fomos uns idiotas todos esses anos, pensando que ainda tínhamos um planeta para voltar!

Murmúrios vinham das pessoas, agora aglomeradas. Elas irromperam pela sala de observação, encolhidas fora e dentro da sala, pelos corredores. O murmúrio cresceu, ganhando um tom de pânico, conforme todos eles cediam ao completo choque.

– Por que não morrer aqui?! – a voz de Martha se destacou sobre as outras e sobre as risadas do marido – Devíamos ter morrido milhões de anos atrás!

Hugh os observou, observou a todos. Bem, por que não?, suspirou. Para que continuar? Não tinha uma resposta. Mesmo o pragmático que era desistia algumas vezes, ainda mais com todos os fatos contra eles. Olhando os dados dispostos na mesa, relatórios de rotina, amontoados em uma pasta de rotina, escritos com a terminologia de rotina, tudo indicava que estavam em um planeta modelo Terra, mas que calhou de ser a Terra em si.

Então, subitamente, a resposta mais óbvia, também a mais satisfatória, lhe veio. Os fatores encaixaram-se e ele imaginou o porquê de não ter pensado nisso muito tempo antes. Seus olhos saltaram dos relatórios para as pessoas à beira do pânico e sabia que precisava acalmá-los. Agora Hugh sabia tudo o que precisava saber.

– Não! – ele berrou – Vocês estão errados. Não há razão alguma para acreditar que nossa espécie esteja morta.

Amos parou de rir e o encarou, bem como os outros, que não acreditavam no que ele estava dizendo.

– É muito simples. Por que tanto tempo se passou fora da nave enquanto apenas 53 anos se passaram para nós?

– Porque viajamos muito rápido – Amos foi direto – É por isso.

– Sim – Hugh tentava ser educado – Mas tem algo que estamos esquecendo. O que nós fizemos, outros podem ter feito também. Provavelmente

um monte de expedições foram lançadas depois que partimos, todas alcançando a velocidade da luz.

Todos ali o observaram e, lentamente, o olhar confuso desvaneceu enquanto eles realizavam o que aquilo queria dizer. A ideia de que outras naves seguiram seu exemplo com o tempo. A ideia de que outras pessoas também estavam milhões de anos distante da Terra que todos deixaram.

– Quer dizer – Amos foi cauteloso – que você acredita que outras pessoas caíram na mesma armadilha que nós, que pode haver outros como nós?

– E por que não? Talvez eles tenham colonizado outros planetas modelo Terra que nós estudamos. De qualquer forma, podemos procurar por eles.

– Não – Amos sacudiu a cabeça – Se qualquer um deles tivesse começado sua viagem depois da gente, nossos caminhos deveriam ter se cruzado. E nunca cruzou. Nunca achamos nenhuma evidência de outra expedição. Mesmo que haja outra, mesmo que existam colônias por aí, podemos passar mais cinquenta anos procurando.

– Bem e por que não? – Martha murmurou – Isso ao menos nos daria o que procurar.

Hugh relanceou para todos os rostos ao seu redor, e viu uma nova esperança surgindo neles, aquela vontade de acreditar em algo que valesse à pena, pois eles queriam desesperadamente acreditar. Sorrindo, ainda de maneira triste, Hugh pegou a pilha de relatórios e as placas que tinha acabado de fazer. Precisou sair dali de mansinho, as vozes subindo de tom ao seu redor. Ele não tinha mais o que dizer. A nave voltaria ao seu curso.

***

– Hugh, é você?

– Sim, Nora.

Ela o aguardava no corredor. Aproximou-se sorrindo e o abraçou, andando juntos pelo corredor, desviando das pessoas.

– Ouvi o que você disse. Você os convenceu.

– Só imagino por que levei tanto tempo para pensar nisso.

As vozes sumiram atrás deles, estavam completamente sozinhos. Viraram no próximo corredor, onde uma tela mostrava a Lua, tão familiar, a única coisa que era familiar na Terra. Nora estremeceu.

– Você foi bastante lógico, Hugh. Só que eu não acredito em você.

Hugh olhou em volta e viu que não tinha ninguém ao redor para ouvi-los e os comunicadores nesta parte da nave estavam desligados. Só assim ele respondeu:

– Não acreditei em mim também, Nora.

– Então me diga.

– Quanto estivermos lá fora.

Os dois desceram a sinuosa rampa que levava para o interior da nave. A rampa estava deserta. Eles deixaram os acarpetados e abafados corredores e logo andavam sobre as placas de metal do interior da nave, seu núcleo, onde a energia era convertida, onde estavam as divisões de reciclagem, a divisão botânica e as grandes esferas de vidro dos tanques hidropônicos.

– Irônico, não é? – Nora disse – Andamos tanto por aí, procurando mundos com vida, para voltar e descobrir que o nosso mundo está morto.

– É irônico, realmente.

Hugh caminhou por entre as fileiras de tanques até que parou frente ao que ele estava procurando, pegando um cilindro de vidro e enchendo com o conteúdo do tanque.

– Eu tinha que dizer algo, Nora. Eles não tinham como continuar se eu não dissesse.

A garrafa estava cheia. Hugh a lacrou e deu meia volta. Ambos seguiram para a primeira comporta e apertaram o botão que a abria, aguardando alguns minutos até que ela estivesse totalmente aberta e atravessaram, descendo a rampa até o chão, seguindo por entre as rochas sinuosas. A Lua fornecia a luz que precisavam para enxergar.

– Está quente aqui fora – disse Nora.

– Agora é sempre quente.

Os dois então se aproximaram do oceano, onde as ondas arrebentavam ruidosamente. Os salpicos de água do mar quentes contra seus rostos, tão quentes quanto a noite.

– Me diga – Nora pediu – Você sabe o que aconteceu de verdade, não sabe?

– Acredito que sim, não posso ter certeza.

O casal parou próximo ao mesmo lugar onde Hugh esteve parado mais

cedo, observando as moças recolhendo amostras. A seus pés, as ondas lavavam as pedras, caindo em pequenos lagos escavados nas rochas, escorrendo lentamente para dentro deles. A água parecia escura e fria, mas sabia que ela estava quente o suficiente.

– Houve muitas mudanças, mas todas elas estão dentro do padrão. Temperatura, a diferença de sal na água, as grandes ondas. Isso poderia acontecer por uma série de razões. Mas só há uma explicação para as outras mudanças, aquelas que constam nas cartas estelares.

Nora esperou pelo resto. A água ia e voltava, quase chegando no lugar onde estavam.

– A Terra gira mais rápido agora. E as estrelas estão mais próximas, muito mais próximas do que estavam antes.

– Isso não é impossível?

– Como podemos saber? Nós excedemos a velocidade da luz. Quem pode dizer no que o contínuo espaço-tempo pode ter feito com a gente? Lembro de uma analogia que li uma vez sobre as diferentes teorias sobre o espaço-tempo. "O passado e o futuro, dois braços de uma hipérbole, cada um tendo a velocidade da luz como seu limite..."

– Está dizendo que não estamos no futuro? Que estamos no passado, no passado distante, antes mesmo de haver vida na Terra?

***

Hugh olhou para as piscinas naturais a seus pés, a água estéril que, segundo todas as teorias já descartadas, deveria estar fervilhando com vida. Concordando lentamente, ele ergueu o cilindro que trouxe da nave e olhou para o seu conteúdo.

– Essa garrafa – ela suspirou – Você a encheu com bactérias, não foi?

Ele concordou novamente.

– Você é doido, Hugh. Não pode me dizer que esta garrafa é a responsável pela vida na Terra, não pode!

– Esta talvez não seja a nossa Terra, Nora. Talvez este seja um dos centenas de continuums e centenas de Terras, toda esperando por uma nave que pouse um dia e lhes dê vida.

Lentamente, ele destampou a garrafa e se abaixou próximo à linha d'água. Por um minuto hesitou, imaginando se existiam outros continuums ou se era apenas este, imaginando o quão profundo o paradoxo era. Inclinando a garrafa, ele derramou o conteúdo nas piscinas naturais e na água que ia e voltava na arrebentação e o líquido se perdeu no oceano. Hugh despejou até que a garrafa estivesse vazia e todas as bactérias unicelulares do tanque da nave se misturassem com as águas quentes e sem vida.

As temperaturas eram as mesmas, tudo era o mesmo e as condições eram muito favoráveis. As bactérias se dividiriam e redividiriam, e continuariam a se dividir por milhões de anos.

– Vamos manter a nave abaixo da velocidade da luz – disse ele – E em alguns milhões de anos nós voltamos aqui e vemos o que a evolução tem feito.

Hugh se levantou e Nora pegou sua mão, ambos tremendo, apesar da temperatura elevada.

– Mas como a vida surgiu no começo? – ela perguntou subitamente.

– Não sei – Hugh apenas sacudiu a cabeça para a escuridão do horizonte – Estivemos por toda a galáxia e não encontramos vida em parte alguma. Talvez ela não tenha uma causa natural. Talvez tenha sido sempre plantada. Um círculo fechado, do começo ao fim.

– Mas algo, alguém, deve ter começado esse círculo. Quem foi?

Olhando para a garrafa que se balançava contra a água quente da arrebentação, ele olhou para o oceano estéril que se estendia, não mais sem vida. E mais uma vez hesitou.

– Nós, Nora. Nós somos o começo.

Por um longo momento, os dois se olharam, abraçados e então deram as costas para o oceano, retornando para a nave e para seu povo. E a luz da lua refletia uma garrafa vazia.

FIM

Sol em nova, por Daniel Bezerra

Apesar de Mari comentar no conto sobre o nosso Sol entrar em nova, é bem provável que ele não tenha condições para isso. Mas devemos lembrar da data em que ele foi escrito.

Novas são explosões nucleares poderosas que ocorrem quando uma anã-branca recebe material de outras estrelas próximas. Por exemplo, em um sistema duplo podemos ter uma estrela comum e uma anã-branca. A anã-branca recebe material de sua companheira e forma um disco de acreção - ou seja, esse material orbita em torno da anã-branca e é eventualmente tragado por ela.

Sob certas condições, o material acumulado causa reações nucleares mais potentes que uma estrela comum, liberando muita energia e aumentando bastante o brilho da estrela. Daí o nome, pois parece uma estrela "nova" no céu.

Uma supernova é um fenômeno diferente. É uma estrela gigantesca que, ao consumir todo o seu combustível nuclear, desaba sobre si mesma. Nas condições-limite corretas, a pressão gerada pela implosão das camadas superiores da estrela deflagra novos processos de fusão nuclear, o que faz a estrela se expandir rapidamente, ou até mesmo explodir por completo. Quando ela explode, a energia liberada é suficiente para fundir elementos muito pesados, como ouro e urânio, e é visível a enormes distâncias.

Já o nosso Sol vai virar uma gigante vermelha, vai engolir Mercúrio e Vênus (e provavelmente a Terra) e depois vai resfriar ao longo de mais alguns bilhões de anos até virar uma anã-branca com uma nebulosa de material ejetado em volta.

Grande oxigenação, por Sybylla

Sobre o período geológico em que eles estariam, em uma Terra sem vida como vemos, também não haveria oxigênio. Conhecido como o Grande Evento de

Oxigenação, ou Grande Oxigenação, foi o momento em que o oxigênio livre surgiu na atmosfera terrestre, devido a fatores bióticos, ou seja, presença de vida, em especial nos oceanos. Isso teria acontecido no Pré-Cambriano, há 4,5 bilhões de anos. Não apenas a atmosfera não era enriquecida em oxigênio, como a temperatura não estaria estável. Mas o ambiente de rochas nuas e escarpadas, sem solo formado, condiz bastante com o provável cenáro que os tripulantes encontrariam.